

Meninas e Princesas abrindo caminhos, escrevendo histórias: análise comparativa do comportamento feminino em personagens infantis

RESUMO

Todas as histórias têm verdades a contar escondidas nas tramas da narrativa. Ou seja, sob o nível superficial de cada uma delas há um conjunto de relações e interferências históricas que moldam e servem de pano de fundo para as narrativas conhecidas. Assim, o presente artigo lê nas entrelinhas e procura desvendar como as aparentemente ingênuas personagens infantis: aqui especificamente uma menina e uma princesa; representam as angústias das mulheres de seu tempo e a busca por igualdade, liberdade, voz e vez no mundo em que vivem.

ABSTRACT

All the stories have an inside true hidden in its plot. So, under the superficial level of each one of them there are a set of historical relationships and interferences which can model and work as background for such known stories. As so, this final paper goes beyond the written words e tries to find out how the apparently naive characters: a girl and a princess; stand for the women of their time sorrows and how they fight for equality, freedom, for having active voice and opportunities in their society.



www.unicentro.com.br

Mariana Gomes Bento de Mello

Pós-Graduanda do Curso de Especialização em Literatura e contemporaneidade.
UNICENTRO.

Nírcia Cecília Ribas Borges Teixeira

Doutora em Letras, PHD em Ciência da Literatura.
Departamento de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste.

ÁREA

Linguística, Letras e Artes

*“Ou isto ou aquilo: ou isto ou aquilo...
e vivo escolhendo o dia inteiro!”*

Cecília Meireles

INTRODUÇÃO

Até que as mulheres levantassem sua voz para defender e buscar as representantes de seu sexo dentro da literatura, muito poucas eram aquelas que se destacavam nesse gênero. Não por falta de qualidade literária e/ou estética de suas obras, mas porque para tanto deveriam antes romper uma barreira tão áspera quanto à própria crítica literária em si: a sociedade patriarcal.

Sociedade na qual estão inscritos os papéis a serem representados e os postos a serem ocupados por homens e mulheres, de forma cada vez mais sutil e velada. Assim, escrever, produzir, comunicar, difundir e defender suas idéias, independente do meio usado, foram sempre atividades e privilégios reservados aos homens, fazendo com que as mulheres fossem proscritas da criação literária. E cada vez que alguma delas impunha a presença nesse meio masculino, não era raro, eram mal vistas pela sociedade, pois, muitas vezes, transitavam longe do ambiente designado às mulheres: o espaço privado. Esta exclusão do espaço público, de domínio masculino, já existia entre os gregos, pois, como relembra Elizete Passos, em seu artigo “A razão patriarcal e a heteronomia da subjetividade feminina”: “[...] o fato de as mulheres serem consideradas passionais, briguentas e ciumentas justificava que elas fossem excluídas da polis - espaço privilegiado do ser racional [...] (2002, p. 60) e dessa forma, acrescenta ainda que, era proscrita à vida privada “que consistia na cena do lar, destino das pessoas que não participavam da polis, como os escravos e as mulheres” (2002, p.61)

Como continuidade dessa dominação em todos os setores da sociedade, restava, também, à mulher ver-se nos textos sob a ótica masculina, a ótica do dominador. O que apenas corroborava para a perpetuação do modelo patriarcal de sociedade.

É urgente, portanto, dizer que essa situação de exclusão e distinção entre homem e mulher, é acima de tudo uma construção histórica, que nada tem a ver com as capacidades cognitivas, biológicas ou psicológicas de ambos os sexos. Que esta informação está inculcada no mais profundo do nosso inconsciente e que foi construída através dos séculos e das civilizações, fazendo-nos justificar, no biológico as razões para os comportamentos sociais. É isso que ordena a sociedade: a divisão entre os sexos. Assim, como sustenta Bourdieu, ao discorrer sobre o domínio que as mulheres e seus corpos sofrem:

As injunções continuadas, silenciosas e invisíveis, que o mundo sexualmente hierarquizado no qual elas são lançadas lhes dirige, preparam as mulheres, ao menos tanto quanto os explícitos apelos à ordem, a aceitar como evidentes, naturais e inquestionáveis prescrições e proscricões arbitrárias que, inscritas na ordem das coisas, imprimem-se insensivelmente na ordem dos corpos. (BOURDIEU, 1999, p. 71, grifo meu)

Dessa forma, é que o mundo parece estar organizado, pela hierarquia sexual, no qual recaem no corpo físico as possibilidades e impossibilidades de cada sexo. Por essa razão, as escritoras parecem ser em menor número que os escritores. Ou seja, sobressair-se nesse contexto hierárquico, torna-se uma tarefa difícil além de o ser a própria criação literária.

Finalmente, as escritoras começam a criar seu próprio caminho. Primeiro a chamada “literatura feminista” que defendia direitos iguais aos sexos, combatendo justamente essa sociedade sexualmente hierarquizada, e que trata de uma luta de cunho essencialmente político, de denúncia à hegemonia masculina e, portanto, de uma literatura mais fortemente comprometida com as questões políticas do que com as estéticas.

A partir do século XX a literatura de autoria feminina, tomou corpo. Não menos engajada do que a chamada literatura feminista. Contudo, mais essencialmente marcada por certas particularidades. Na “escritura feminina” são visíveis as marcas de séculos de dominação e de silêncio imposto às mulheres, a sexualidade castrada, a feminilidade vista como deficiência. Além de, terem reduzido sua função a geradora da vida, esposa e mãe. Essa forma de escrita busca o espaço que foi negado, a voz que foi calada. Ao utilizar uma linguagem simbólica, busca-se mostrar a visualização da perspectiva feminina.

Podem se destacar, de acordo com Mauro Rosso¹ em “Quem tem medo da literatura feminina/ feminista?” “[...] a conscientização da escritora quanto a sua liberdade e autonomia e a possibilidade de trabalhar e criar sua independência financeira”.

A escrita feminina propõe mostrar-se escondendo, denunciar calando. O leitor pode ficar em dois níveis diante do texto: o da história escrita nas linhas e o da ideologia inscrita na história, uma segunda história. Para tanto, é preciso ter em mente todo esse percurso de dominação social masculina que a mulher passou e da qual busca constantemente se desamarrar, já que é uma realidade predominante, apesar de ser, em alguns momentos, menos nítidas. Assim, os textos refletem o período em que foram produzidos. Bem como as conquistas realizadas e aquelas ainda ambicionadas pelas mulheres.

É diante dessa perspectiva que começamos a pensar na literatura infantil, no texto destinado às crianças, produzido por mulheres brasileiras, uma vez que o objetivo desse trabalho é perceber como as autoras escrevem e descrevem a menina na literatura infantil. E como esse quadro social da dominação patriarcal influencia no comportamento dessas personagens infantis, e de suas leitoras. Pois, essas crianças estão constituindo sua feminilidade cercadas por um mundo que ainda luta por mais liberdades para as mulheres.

Afinal, a literatura e suas representações estão apoiadas à realidade. O que torna possível a leitura dessas histórias como produto da sociedade em que foram escritas. Assim segundo a ensaísta Níncia Borges Teixeira (2005) “O discurso ficcional seria uma quase história, não precisa comprovar nada ou se submeter a testes, mas guarda relações com uma certa refiguração temporal, partilhada com a história”.

O aspecto histórico, portanto, é relevante na compreensão do processo de transformação de discursos femininos, e também o é na percepção da construção das personagens. Será que separadas pelo tempo, personagens e autoras têm atitudes e posicionamentos distintos? E se afirmativo, em que medida se diferenciam?

ABRINDO CAMINHOS, ESCRREVENDO HISTÓRIAS

A primeira personagem de nossa história é Aninha que surge pelas mãos da autora brasileira Lúcia Miners². Aninha é, então, a personagem título de um de seus livros mais conhecidos: *Aninha e João*, da década de 70. Contudo, antes mesmo de apresentá-la, é preciso falar sobre a próxima personagem desta pesquisa, que por ser muito voluntariosa já está batendo à porta, não agüentou esperar, e também quer ser apresentada.

A Princesa que escolhia é, também, personagem título da obra de 2006, de Ana Maria Machado³. E, assim, as obras reservam entre si uma distância média de 30 (trinta) anos, o que possibilita uma análise das diferenças ideológicas e sociais estabelecidas durante esse período, mesmo sendo as autoras contemporâneas.

Aninha e *A Princesa* possuem diferenças... e semelhanças. Aninha tem um irmão chamado João, e sua mãe insiste em dizer o que ele ou ela devem fazer: “Meninas não sobem em árvores! Não é nada bonito!” mais adiante “Menina boazinha deixa o que é seu arrumado” ou ainda “Menina não anda no escuro sozinha! Que absurdo!” (MINERS, 1982. s/p). As falas da mãe vêm sempre acompanhadas por elogios a João que, segundo ela, por ser menino era corajoso suficiente para subir em árvores e ficar no escuro, e muito parecido com pai para conseguir manter suas coisas arrumadas.

A professora tem uma atitude similar a da mãe: na escola, aplaudiu João quando disse que queria ser comandante de navio. Contudo, repreendeu a irmã diante da mesma intenção, dizendo “Isso não é profissão para meninas”. E, assim, desenrola-se a narrativa entre repreensões e responsabilidades dedicadas a ela, e elogios e responsabilidades dedicadas a ele. Aninha com responsabilidades de mulher e João de homem.

Em ritmo distinto, segue a história da Princesa que é aprisionada certo dia por não mais concordar com tudo o que lhe diziam. E, assim, na torre onde foi presa passou a estudar e a cada vez mais reforçar suas opiniões

¹ Disponível em: *Germinal Revista de Arte e Literatura*: http://www.germinaliteratura.com.br/literatura_mar2006.htm

² natural de Campos dos Goytacazes – RJ. Ela é escritora e poetisa, dedicou sua vida à literatura, tanto infantil quanto adulta. E com o livro *Juca das Rosas*, foi premiada pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ).

³ Autora reconhecida e premiada por seu trabalho na literatura infanto-juvenil, natural da cidade do Rio de Janeiro – RJ. Seu sucesso é tamanho que em 1993 tornou-se *hors-concours* dos prêmios da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). E em 2003 ganhou o maior prêmio da literatura infantil mundial, o *Hans Christian Andersen*. Atualmente ocupa a cadeira de número 1 (um) da Academia Brasileira de Letras, mantendo uma produção constante e renovada.

e escolhas. Quando a mãe lhe perguntava se tinha resolvido tomar jeito para poder ser libertada da torre, prontamente a menina respondia “Ai, minha mãe! Não dá mesmo. Eu quero é poder escolher sempre.” (MACHADO, 2006. s/p). E, assim, seu pai, o rei, não teve muita saída e teve que libertá-la, depois que ela ajudou a descobrir qual doença assolava o reino. Desse dia em diante, por mais que o pai tentasse convencê-la, ela sempre dava um jeito de escolher seus caminhos e de impor suas vontades.

Então, será que isso já é o suficiente sobre Aninha e a Princesa? O que as iguala e as distingue uma da outra? Será que a linha do tempo foi capaz de separá-las modificando seus comportamentos e ideais?

É nítido que as personagens são centrais nas histórias, uma vez que são anunciadas já no título. Entretanto antes mesmo da primeira página, na capa, vê-se uma grande diferença entre as duas: Aninha ainda divide espaço com o irmão, João. Ainda que seu nome venha primeiro, ele é seu referente, como se na dupla houvesse uma unidade: o negativo e o positivo, sol e lua, masculino e feminino, homem e mulher. Esse é um espaço que a Princesa já conquistou, sua história é só sua, não há lugar para mais ninguém. Ela está livre e solta, é sozinha a Princesa. Mas, quem o conquistou? Certamente, não foi a Princesa, pois essa disputa por espaço na sociedade já havia começado bem antes... Foram os questionamentos e a insistência de Aninha que abriram caminhos e possibilidades além daquelas por séculos impostas às mulheres.

A mãe de Aninha e de João reproduz em casa, diante dos filhos o que gerações de mulheres antes dela fizeram, ou seja, diminuíram e limitaram o papel e a participação da mulher na sociedade. Ensinarão aos seus filhos e filhas que o trabalho do lar não é coisa importante. Já que quando Aninha chama João para brincar de boneca a mãe replica: “-Ora João, um homenzinho como você, brincando de casinha! Vá fazer uma coisa importante”, após essas palavras o narrador informa que a mãe entra para arrumar a casa. É diante de tantas proibições, contradições e incoerências, vendo que a ela cabem apenas as obrigações ditas “femininas”, tendo como único caminho a seguir os passos e o modelo da mãe, é que certo dia, Aninha exclama chateada e resolve:

- *Que coisa mais enjoada é ser menina!*

Vestiu o paletó do pai, botou gravata e avisou:

- *Pronto! Agora sou um menino e meu nome é seu Mário!*

(...) Aninha estava firme:

- *Não quero mais ser menina! Meu nome é seu Mário!*

(MINERS, 1982. s/p.)

Ora, diante das muitas possibilidades para a vida de João, como a liberdade de poder subir em árvores, brincar a noite na rua, querer ser comandante de navio sem ouvir reprovações, que a menina percebeu que o mundo do irmão é bem mais interessante, exigindo e proporcionando coragem, força e espírito destemido.

Para Bourdieu (1999), o corpo da mulher está sempre sob o olhar regulador do outro. É ele que autoriza ou não, de acordo com padrões sociais já estabelecidos, em que esferas a mulher deve circular, qual é o conjunto de atitudes, falas, comportamentos e critérios estéticos que caracterizam a feminilidade. Passo cita um estudo de seu grupo (que identificava as representações de gênero na Faculdade de Filosofia) que os levou a seguinte conclusão:

“a feminilidade não depende de confirmações (como ocorre com a masculinidade) porque ela se inscreve no biológico. O corpo constitui-se a base para a imposição de padrões e normas de comportamento, entre

os quais, destacavam-se a beleza a pureza, sujeição, passividade e dependência. (PASSOS, ano, p. 63)

Ou seja, para uma mulher ser considerada como tal, o fator biológico é suficiente, uma vez que preencha os requisitos de padrões citados. É preciso estar de acordo com as expectativas da sociedade sobre o que é ser mulher, sobre o que é o feminino. O corpo da mulher é determinado socialmente.

Além disso, Passos relembra que durante a “Idade Média o corpo era visto como inferior, assim como as mulheres, por serem definidas por ele” (2002, p. 61). O que explica a razão pela qual ao corpo da mulher ainda são impostos padrões, que segundo certos julgamentos, definem ou não a sua feminilidade.

É essa percepção social, que cria modelos sobre como a mulher deve se comportar, que faz com que a mãe de Aninha regule certas atitudes da filha. É pela mesma inculcação de padrões, que a mãe vê como parte da identidade masculina, e logo, de seu filho: “um conjunto de aptidões consideradas nobres (coragem física e moral, generosidade, magnanimidade, etc [...])” (BOURDIEU, 1999). Justificando, portanto, todas as possibilidades que Aninha via em João e não podia ter para si. Assim, argumentando sobre os esquemas e modelos nos quais a sociedade apóia-se, o autor supracitado encerra:

[...] as reações ou as representações que seu corpo suscita nos outros e sua própria percepção dessas reações são elas mesmas construídas sobre tais esquemas: uma reação produzida a partir das oposições grande/pequeno, masculino/feminino (como todos os juízos do tipo “ela e muito grande para uma menina” ou “ é aborrecida para uma menina, ou “para um menino isto não é grave”) [...] (BOURDIEU, 1999, p. 79)

Assim, confundida pelas ilusões coletivas que a sociedade impõe, ela entende que seu potencial está atrelado ao sexo biológico, e reconhecendo que suas vontades são como as vontades de João, ela se põe de menino. Se sua vontade é de menino, então, sua aparência também será. Pois, como já foi mencionado, se os outros a vissem como homem, seriam outras as expectativas sobre ela. Aninha, então, sendo vista como homem poderia agir com um. Seu gesto desestabiliza a ordem imposta pelos pais. Forçando-os a reavaliar a situação da família.

Aninha tem um comportamento natural para sua idade, pois é comum na infância as meninas vestirem as roupas da mãe, assim como fazem com suas bonecas, enrolando-se em seus colares e subindo em seus sapatos de salto, revelando o desejo de ver-se como a mãe, de copiar seus passos e dessa forma, autorizando-los. Mas, na verdade, ela não se veste de Mãe, ela veste-se de Pai, veste-se de homem! É um modo simbólico e claro de mostrar que há algo errado. Ela quer ser algo diferente do que aquilo que a sociedade procura torná-la. Ser homem nesse contexto parece a melhor alternativa. Esse não é um gesto que rejeite somente o sexo feminino. Não. Ele ataca, também, o sexo oposto, atinge toda a sociedade e sua estrutura, indica que há falhas nos modelos, que há instabilidades e incoerências na figura que ela deveria copiar e que logo esses modelos irão fundir.

Foi esse o gesto que muitas mulheres mundo afora reproduziram. Exigiram para si os mesmos direitos reservados aos homens. Foram trabalhar fora de casa, por isso, lutaram para que as profissões se tornassem assexuadas, pois assim, poderiam ocupar cargos que sempre foram considerados masculinos. Depois lutaram para que em postos iguais seus salários também fossem equivalentes. E, nesse passo, cada vez mais, expandindo sua participação num meio antes predominantemente masculino.

É por tudo isso que a atitude de Aninha não passa despercebida aos pais. E como resultado dessa imposição, a ordem na casa é reestruturada, os papéis são reavaliados de forma que todos dividam suas responsabilidades de formas iguais.

No feriado, João arrumou suas coisas e fez os bifes.

Aninha arrumou suas coisas e fez o arroz.

Os dois pularam corda e jogaram bola.

Aninha deu um banho na boneca.

João arrumou a caminha para ela.

Aninha tirou a gravata do pai, o paletó e guardou-os no armário (MINERS, 1982. s/p.)

Com a nova ordem na casa, todos se beneficiam, pois na vida em sociedade todos os lados se prejudicam de alguma forma se há alguma instabilidade. Dessa forma, o pai também passa a arrumar suas coisas antes de ir para o trabalho, ajuda a fazer a limonada, a mãe com mais tempo livre pode ler um livro engraçado e faz uma sobremesa enfeitada. As crianças arrumam tudo depois do jantar porque os pais foram ao cinema juntos.

Não há uma inovação, contudo, no padrão de família estabelecida durante tantos séculos. Apenas muitos anos de questionamentos e lutas tornarão isso possível. Pois, a mãe continua a dedicar-se somente a casa e aos filhos, tendo breves momentos de distração. O que é visivelmente significativo é um início do respeito ao outro, do saber dividir atribuições, de encarar com soluções os problemas internos da família e fora do jogo simbólico que a história estabelece, os problemas da nossa sociedade sexualmente hierarquizada.

A rapidez e a naturalidade com que o pai de aninha aceitou e entendeu a dificuldade de adaptação no mundo familiar da filha, não foi certamente a mesma que a do Rei, pai da pequena Princesa. Já que “ele era do tipo que achava que príncipe serve para andar a cavalo, enfrentar gigantes e matar dragões, mas que princesa só serve para ficar aprendendo a ser linda e boazinha, enquanto seu príncipe não vem.” (MACHADO, 2006. s/p). Por isso, da primeira vez que a filha disse “ Desculpe, mas acho que não”, ele a pôs de castigo” com a seguinte ordem: “- Vai ficar trancada na torre! Só sai de lá quando voltar a ser boazinha.” (MACHADO, 2006. s/p). Aqui, novamente, cabe dizer que a ordem social criada faz com que caiba ao homem o papel de dominador e regulador . Nesse ato, o rei defende seu papel de homem e seu espaço na sociedade que a filha ameaça com seu comportamento. De acordo, com Bordieu homem e mulher ocupam lugares distintos havendo uma ordem social e patriarcal que autoriza a força da ordem masculina:

[...] é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembléia ou de mercado, reservados aos homens, a casa, reservada as mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida, como momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos (BOURDIEU, 1999. p.18).

Trata-se, pois, de mundos opostos. Dentro dessa perspectiva, homem e mulher não podem coexistir no mesmo espaço, o que levou o rei a agir daquela forma. A princesa deveria estar no lugar de coadjuvante, invisível, ocupando lugares reservados e privados para quais as mulheres teriam sido modeladas.

Nesse sentido, Passos comenta que o espaço público, que é defendido pelo rei com essa atitude autoritária, é aquele por meio do qual “os indivíduos se eternizam e transcendem; enquanto que o privado identifica-se com o que não deve ser iluminado, que precisa ser protegido, escondido, guardado.” (2002, p. 61)

É no desejo de não ter suas ordens contrariadas, de não perder o controle sobre sua filha, e sobre seu

espaço que o Rei a aprisiona na torre mais alta do seu castelo. E, assim, demonstra toda a sua autoridade de Pai, Rei e Homem.

Bourdieu (1999) afirma que dentro de uma lógica precoce e contínua de aprisionamento da mulher, dessa força que se exerce sobre ela, para separá-la do mundo real e confiná-la num mundo onde ela deve ser guardada, aconselhando-a sempre pelo caminho mais fácil, de menos intempéries e riscos (como fez, por exemplo, a professora da Aninha ao informá-la que comandante de navio era profissão para homens) que surge a idéia da “proteção cavalheiresca” que:

(...) além de poder conduzir a seu confinamento ou servir para justificá-lo, pode igualmente contribuir para manter as mulheres afastadas de todo o contado com todos os aspectos do mundo real ‘para os quais elas não foram feitas’ porque não foram feitas para elas (Bourdieu, 1999, p. 77).

Justifica-se, portanto, a atitude do pai ao trancá-la na torre, reservando-a, guardando-a num espaço mais apropriado ao seu sexo, que seria capaz de modelar seu comportamento, transformando-a na princesa linda e boazinha que ele aspirava.

Talvez tenha sido essa memória que tenha feito Aninha subir no alto da árvore depois de ter anunciado que não queria ser mais menina, com o intuito de lá se proteger da reação do pai e da família.

Mas esta história da Princesa, não é uma história como as outras, a princesa não ficou triste nem a espera quase eterna de um príncipe heróico num cavalo branco. Ao contrário do que todos poderiam prever, essa foi a maior sorte de sua vida. Diferentemente do que pensava o Rei, ao trancá-la na torre, a princesa não ficou isolada do mundo ou sem perspectivas, e, menos ainda, teve suas vontades diminuídas. Porque a torre, símbolo maior nos clássicos infantis de isolamento, solidão, passividade e espera, torna-se o salto de liberdade na vida da princesa. Assim, ela inverte o jogo em que foi posta, e do alto de sua torre pode ver o reino como jamais havia visto.

Viu que a paisagem se estendia até perder de vista, muito além das muralhas do castelo onde sempre viverá fechada. Lá de cima, ela descobriu que o mundo era muito maior do que imaginava. Agora via aldeias, montanhas, vales bosques e até o mar, ao longe, com navios velejando. (MACHADO, 2006. s/p)

E do alto ela tem perspectivas, pode ver o mundo que é de acesso masculino, o mundo do qual sei pai a quis isolar. Além disso, havia sido os antigos aposentos de um mago, tinha uma biblioteca com “um monte de livros e computador com acesso a *internet*” (MACHADO, 2006. s/p.) e nos fundos um jardim fechado por um muro alto aonde quase ninguém ia.

Há semelhanças entre as duas meninas de nossas histórias, pois, uma vez que se vêem numa situação contrária aos seus desejos, ambas jogam ao seu próprio favor, sabem utilizar, cada uma ao seu tempo e de sua forma as armas que têm para sair da repressão e incoerência em que são postas pela sociedade. Dessa forma, a princesa estava presa apenas fisicamente na torre, sua alma e imaginação vagavam livres, em meio a tantas:

[...] histórias de encantos e perigos, de reis e princesas de magos e inimigos de bichos e riquezas. De monstros e horrores, de lobo na floresta, de bailes e amores, de povo dançando em festa. De cavaleiros e dragões, de fadas e feiticeiras, de gigantes e anões, de múmias e caveiras. De naufrágios e tesouros, de caravanas no deserto, de palhaços e besouros, de fada e madrinhas por perto (MACHADO, 2006. s/p)

Todo esse contado com leituras levou a Princesa para o plano das idéias preenchendo-a de desejos. Ela passou a contar muitas histórias para aqueles que a serviam. A mãe cansava-se de tanto perguntar se a filha ia voltar a ser boazinha e ouvir, em seguida, que não. O pai, até queria tirá-la da torre, pois estava com saudade, contudo, não poderia voltar atrás na sua palavra. Dessa forma, estaria dando razão e ganho de causa para a filha. Por isso, só o fez no dia que recebeu um recado da filha dizendo que sabia qual era a causa da maldição que assolava a cidade.

Em seus estudos, ela descobriu que era dengue. E já sabia como fazer para eliminar o mosquito causador da doença. Diante de tanta ajuda e eficiência, o pai a libertou da torre de tão feliz que ficou. Mais ficou tão feliz mesmo que resolveu recompensá-la, pensou em algo como uma coroa nova. A princesa prontamente respondeu “Ótimo! Eu quero escolher” o pai, também, achou ótimo, mas o que ela queria não era escolher uma coroa. Era poder escolher tudo, sempre, poder dizer que sim ou que não. Mas, como o rei já havia dado a sua palavra “e palavra de rei não volta atrás” ele teve que aceitar. A partir de então estava feito, não tinha volta, a princesa conseguiu, tinha voz ativa sobre sua própria vida. E, além disso, podia também expressar sua opinião sem ser recriminada.

Essa conquista foi a maior que ela poderia alcançar. Afinal, o que é poder escolher, senão, ter vez e voz, ser ativo. Opinar sobre sua vida e sobre o mundo que o rodeia. E que conquista melhor para as mulheres, senão a chance de poder participar da sociedade, escolher seu futuro, seus caminhos, seus erros e acertos. Escolher. Ter esse direito, não esperar que venha dos outros essa decisão. Poder votar, por exemplo, a primeira grande conquista feminina na sociedade. É verdade que a princesa precisou da autorização do pai e foi esperta para pegá-lo no próprio jogo, confundi-lo com suas palavras e só quando era tarde demais para o pai voltar atrás foi que ele percebeu que já havia dado sua palavra.

E, assim, ela seguiu escolhendo. No baile planejado, para arranjar-lhe um pretendente, ela conversou com todos e fez amigos. Mas os príncipes voluntários a marido, ela achou que não eram exatamente o que ela quisesse escolher. E, então, ela indicou os partidos para princesas, como Rapunzel, Cinderela, Branca de Neve, Bela Adormecida, que diferente dela estavam à espera de seus pretendentes. Ela escolheu viajar, estudou, se formou em arquitetura e conheceu um paisagista e fazia muito tempo que não se viam. Era o filho do jardineiro, com quem brincava quando estava presa na torre: “E foi com ele que a princesa escolheu namorar”.

A princesa não rompeu apenas as fronteiras do reino quando decidiu fazer suas escolhas, como estudar, por exemplo. Com essas atitudes ela foi de encontro à percepção de dominada e domesticada da mulher, vista como representante da intuição e não da razão. Nas palavras de Amorós (apud PASSOS, 2002, p. 62) “sendo natureza em última instância a mulher não ascende ao estatuto cultural por excelência”.

Escolheu, então, voltar para o reino. E assumiu o trono, pois o rei havia morrido. E sua decisão foi de que, a partir de então, todos deviam poder escolher e propôs que o reino fosse parlamentarista. Resolveu fazer eleições.

Diferente do pai que procurava dominar tudo a princesa resolveu dividir com os outros, com seu povo, o poder da escolha. Conquistou assim, muito mais que sua independência pessoal, proporcionou a todos a chance de escolha. Fiel aos seus ideais não tirou o poder de suas mãos.

E a princesa?

Nem sei se ainda vive por lá e se ainda manda alguma coisa. Sei que ainda está com o filho do jardineiro.

Também não sei se os dois viverão felizes para sempre. Mas posso garantir que estão muito felizes... É que os dois se escolhem a cada dia... (MACHADO, 2006. s/p)

Assim, suas escolhas a levaram para lugares bem diferentes daqueles idealizados por seu pai e por

conseqüência pela sociedade sexualmente hierarquizada e patriarcal, que ele tão bem representava. Mas afinal, que graça tem viver a vida que os outros escolherem? Ela definiu e traçou a sua história sem que fosse um caminho pronto para uma mulher, ou para o sexo feminino, mas sim um caminho fruto de suas escolhas pessoais, pois, “afinal, ser sujeito é agir de forma livre a partir de escolhas próprias e não pela determinação implícita ou explícita de outrem” (PASSOS, 2002, p. 64)

CONCLUSÃO

Trinta anos separam as personagens de Aninha e da Princesa. Mas o quanto será que esse tempo realmente foi capaz de distingui-las? Aninha pede por igualdade. Quer se ver e ser vista com os mesmos potenciais de um homem. Seu horizonte, seu limite vai até onde vão os limites do sexo oposto. É esse seu referente, assim como o é o irmão no título da história.

Três décadas depois, a personagem da princesa quer muito mais. Não quer ser comparada, não quer ter sua história escrita por ninguém que não seja ela mesma. Seu horizonte vai para além dos limites de seu reino. Assim, como na torre, ela pode enxergar o que jamais havia visto, ela também quer para sua vida a chance de escolher, sem ter como parâmetro os caminhos de outros. Busca a sua própria verdade e constrói suas experiências. Pois não há mais para ela, como houve para Aninha, a cobrança de ser uma mulher que seguia os padrões pré-determinados, que não tinha vida além da maternidade e do casamento. E, se em algum momento, o Rei no papel de regulador social tentou aprisioná-la nos moldes vigentes, ela, também, soube se desfazer dessas amarras.

É relevante dizer que quando a literatura de autoria feminina for capaz de expressar a liberdade e não o aprisionamento da mulher, quando a mulher não mais agir como se só se completasse com a presença do outro, é que a literatura vai alçar novos vôos. Assim como começa a fazer Ana Maria Machado com sua personagem. Nas palavras de Luiza Lobo:

[...] o cânone da literatura de autoria feminina se modificará muito se a mulher retratar vivências resultantes não da reclusão ou repressão, mas sim a partir de uma vida de sua livre escolha, com uma temática, por exemplo, que se afaste das atividades tradicionalmente consideradas ‘domésticas’ e ‘femininas’ e ainda de outros estereótipos do ‘feminino’ herdados pela história, voltando-se para outros assuntos habitualmente não associados à mulher até hoje. (LOBO apud ROSSO. In Revista Germina Literatura (on line), 2007)

Dessa forma, cada uma demonstrou os anseios, possibilidades, angústias e aprisionamentos pelos quais as mulheres de seu tempo passaram e passam sob o domínio da sociedade patriarcal. Só nos resta concluir que: Se a história de Aninha e João mostra os questionamentos e rompimentos que as mulheres das décadas de 70 e 80 viveram; A Princesa nos conta o quanto as mulheres de hoje buscam em suas conquistas uma nova identidade, um novo lugar.

Assim, olhar para essas personagens é descobrir quais conquistas e dúvidas as mulheres de seu tempo carregam. É perceber que as lutas femininas também estão inscritas nas páginas dos livros infantis, e que suas personagens aparentemente ingênuas estão encantando, embalando e inspirando os sonhos e a realidade das verdadeiras meninas e princesas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. Tradução de: La domination masculine.

Horizonte: FALE, UFMG, 2002

MACHADO, A. M. **A Princesa que escolhia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

MINERS, L. **Aninha e João**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1982.

PASSOS, E. A razão patriarcal e a heteronomia da subjetividade feminina. In: DUARTE, Constância Lima et al.(orgs.). **Gênero e representação: teoria, história e crítica**. Belo Horizonte: FALE, UFMG, 2002. p. 60- 66.

ROSSO, M. **Quem tem medo da literatura feminina/ feminista?** 2006. Disponível em: http://www.germinaliteratura.com.br/literatura_mar2006.htm. Acesso em: 15 de jul. 2007.

TEIXEIRA, N.C.R.B. **Imagens literárias urbanas: Machado de Assis e Lima Barreto, o Rio de Janeiro escrito a quatro mãos**. 2005. 241 f. Tese (Doutorado em Letras) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis. 2005